

Entrevista

Gilberto Vieira, presidente da direção das Casas Açorianas, revela que, apesar do aumento do interesse no turismo em espaço rural, o número de reservas ainda é muito residual

Reforçar a promoção para recuperar a visibilidade dos Açores

ANA CARVALHO MELO
anamelo@acorianooriental.pt

Neste momento inicia-se o processo de retoma da atividade económica e turística na Região. Já se nota um aumento da procura pelo turismo em espaço rural?

Neste momento, estamos numa encruzilhada com alguns dados contraditórios. Se, por um lado, continuamos a registar cancelamentos de reservas feitas antes do alastrar da pandemia, cancelamentos esses que não estão ainda a ser compensados com novas reservas em número igual ou superior, por outro lado existem indicadores da retoma do interesse pelo destino Açores e, particularmente, no que ao turismo rural diz respeito. Um caso concreto: nas plataformas digitais das Casas Açorianas, em março e abril houve um decréscimo extremamente acentuado de visitas; no entanto, e algo surpreendentemente, no mês de maio houve mais procura do que em maio do ano passado. Apesar disso, esse interesse súbito ainda não se traduz em reservas, cujo número é ainda residual.

O turismo em espaço rural, que dado o seu conceito é mais personalizado e intimista, vai ter vantagens a nível de procura no panorama atual?

Em nota prévia lembro que o turismo rural e de natureza nos Açores já tinha consolidado uma posição sólida, fruto de um trabalho persistente, nomeadamente no caso das Casas Açorianas, que não se perdeu com a pandemia e estamos hoje, fruto desse trabalho, simultaneamente de afirmação e aprendizagem, muito mais aptos a continuar a oferecer um produto distinto e altamente apelativo.

Nas atuais circunstâncias, penso que esse capital de interesse que paulatinamente fomos conquistando, pode sair reforçado, pelo facto de apresentarmos unidades de pouca dimensão e vivências

comunitárias quase que, diria, familiares, permitindo comunhão de espaços e experiências, sem os riscos inerentes a grandes aglomerados, e isso, na situação decorrente da pandemia da Covid-19, começa a ser altamente valorizado.

Um parêntesis aqui para relevar o extraordinário trabalho que foi feito nos Açores no combate ao novo coronavírus, com uma liderança notável das autoridades competentes nos diversos níveis, o assumir de espírito de missão de profissionais de saúde e de outras áreas, quer na vanguarda, quer na retaguarda, mas igualmente com a colaboração, de que muita gente duvidava, da população, na sua esmagadora maioria, que acatou e executou as recomendações, assumindo uma responsabilidade de cidadania poucas vezes vista entre nós. Para além da saúde pública que é, obviamente, o ganho mais importante deste processo, a imagem de uma Região que soube lidar com o problema, minimizando-o, é uma mais-valia que, em termos de turismo, tem um peso considerável.

O facto de o turismo ter estado parado nos últimos meses pode levar ao desaparecimento de unidades de alojamento em turismo rural na Região?

É um cenário que não podemos pôr de lado. Cada casa é um caso. Há unidades que são a principal fonte de rendimento dos seus proprietários e outras há que são uma atividade complementar, quantas vezes motivada também por um entusiasmo pela nossa tradição e por um interesse de interagir com pessoas oriundas de outras culturas e experiências de vida.

Neste contexto, cada um saberá pesar os fatores em causa e avaliar a viabilidade dos seus empreendimentos, sendo certo que, no caso das Casas Açoria-



ANTONIO ARAUJO



ANA MELO

Gilberto Vieira destaca a importância de todos os associados para a continuidade da "marca" Casas Açorianas.

nas, tudo faremos para que não falte apoio a nenhum associado, pois todos fazem falta para a continuidade da "marca" que ostentamos com orgulho e que é reconhecida.

O que é necessário fazer de modo a evitar que tal aconteça?

Em primeiro lugar, acho que não se pode perder de vista que o turismo rural e de natureza tem sido o elemento-chave da divulgação do destino Açores no seu todo e isso é reconhecido pelas autoridades que definem a política de turismo na Região. É um facto de que nos orgulhamos e tudo fazemos para que essa imagem corresponda à realidade, sem atropelos mais ou menos graves, mas é também esse estatuto que invocamos para que haja uma atenção especial, no que respeita à atividade deste segmento, em termos de apoios concretos, caso a caso, de acordo com as necessidades a cada momento. E, claro, que as unidades em maiores dificuldades deverão ser as primeiras a serem alvo de cuidada avaliação e tomada de medidas, de forma a poderem resistir a um iminente desaparecimento.

A proposta do Governo Regional em se apostar no turismo interno numa primeira fase da retoma parece-lhe uma boa solução?

Mais do que uma boa solução é a solução possível. E não é exclusivo dos Açores. Perante a pandemia que aflige, em dimensões diferentes, todo o mundo, é consensual que a retoma no turismo, por razões de segurança e confiança, vai começar dentro de cada país, devido ao melhor conhecimento de cada realidade específica. Por isso, partilho dos termos da proposta do Governo Regional. Bem sei que é um movimento de reduzida escala em relação ao que vínhamos vivendo, mas é um ponto de partida importante. Espero que essa opção possa vir acompanhada de medidas para estimular verdadeiramente o turismo interno, uma vez que, até para isso, temos este ano outro constrangimento que é a ausência da operação sazonal da Atlânticoline, com toda a sua capacidade de movimentação de passageiros e viaturas.

Posto isto, entendo que se deve começar de imediato todo um processo de promoção reforçado, por todos os meios disponíveis, de modo a recuperar a visibilidade do destino Açores, até reforçada pelos bons resultados obtidos no combate à pandemia, o que hoje é um trunfo de peso, que poucos podem jogar. Recordo que a prestigiada revista Forbes colocou os Açores como o quarto destino mais seguro da Europa no que ao novo coronavírus diz respeito. ♦